UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)

INSTITUTO DE HUMANIDADE - IH

CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES - BHU

JOÃO VICTOR DA SILVA CHAVES

LITERATURA URBANA: DISCURSOS POLÍTICOS E SOCIAIS NA BATALHA DE FREESTYLE OCORRIDAS NO ESPAÇO CUCA MONDUBIM EM FORTALEZA - CE

ACARAPE - CE

2018

JOÃO VICTOR DA SILVA CHAVES

LITERATURA URBANA: DISCURSOS POLÍTICOS E SOCIAIS NA BATALHA DE FREESTYLE OCORRIDAS NO ESPAÇO CUCA MONDUBIM EM FORTALEZA - CE

Projeto de Pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. André Telles do Rosário

ACARAPE - CE

2018

LITERATURA URBANA: DISCURSOS POLÍTICOS E SOCIAIS NA BATALHA DE FREESTYLE OCORRIDAS NO ESPAÇO CUCA MONDUBIM EM FORTALEZA - CE

Projeto de Pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. André Telles do Rosário

Aprovado em: 30 de outubro de 2018

BANCA EXAMINADORA:

_____

Professor orientador Dr. André Telles do Rosário

_____

.

Prof. Dr. Igor Monteiro Silva

_____

.

Prof. Dr. Salvio Fernandes de Melo

RESUMO

Este projeto de pesquisa tem como objetivo investigar o circuito tradicional de duelos de *Mc's* da Batalha da Quadrinha que teve início em uma praça da Vila Manuel Sátiro, bairro de Fortaleza. Depois de um tempo se deslocou para o espaço do Cuca Mondubim e atualmente passa por um novo processo de migração, também dentro da cidade de Fortaleza, no Estado do Ceará. Compreendendo como esse movimento interfere na dinâmica urbana daquele local, por meio de uma observação participante, análises bibliográficas, e uma etnografia virtual buscarei futuramente compreender os discursos enunciados pelos praticantes desse movimento e seu papel dentro dessa comunidade. Entendendo as suas narrativas através da oralidade e percebendo os instrumentos utilizados para a construção de uma organização social e cultural que contribui para a formação de uma política baseada nas atividades desempenhadas dentro do movimento. Resgatando valores simbólicos e ancestrais da cultura *Hip-Hop*.

Palavras-chave: Batalha. Quadrinha. Freestyle. Oralidade. Poesia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 6
2. JUSTIFICATIVA 7
3. OBJETIVOS 10
   3.1. Objetivo Geral: 10
   3.2. Objetivos específicos: 10
4. PROBLEMATIZAÇÃO 11
5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA 14
6. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICO 17
7. MÉTODOS 19
8. CRONOGRAMA 21
REFERÊNCIAS 22

1 INTRODUÇÃO

Este projeto tem como pretensão de estudo analisar a Batalha da Quadrinha, um evento tradicional de duelo de *Mc's* que teve seu início em uma praça na Vila Manuel Sátiro, bairro de Fortaleza. Após, mudou-se para um espaço do Cuca Mondubim e atualmente passa por um novo processo migratório para a Vila Pery também na cidade de Fortaleza, no Estado do Ceará. O evento no Cuca ocorria semanalmente há quase dois anos e era fonte de uma ocupação realizada na quadra daquele espaço.

O *freestyle* ou "estilo livre" é um subgênero do *rap*. É o momento em que o praticante assume um modo de rimas de improviso, transformando seu momento em música. A cultura das batalhas de *freestyle* é bastante reconhecida no cenário do *rap* atual, mas que não se deu de forma repentina. Diversos fatores contribuíram para a disseminação da cultura dos duelos de rimas.

Meu interesse por este movimento é decorrente de experiências pessoais em disciplinas nas quais tive a oportunidade de conhecer discussões a respeito da oralidade, performance, cidade, ancestralidade africana e antropologia política, ofertadas ao longo da minha trajetória acadêmica. Nesse sentido, esse projeto nasce do desejo de buscar uma forma de ajudar a dar maior visibilidade ao movimento da Batalha da Quadrinha, demostrando a importância que essa manifestação popular tem para a transmissão de valores morais através da tradição oral.

O resgate histórico da ancestralidade é promovido pela vivência dos saberes populares, dentro das comunidades. Dessa forma, a cidade tem um papel importante na interpretação de narrativas e histórias, dentro das batalhas. As rimas, assim como a cidade, são sensíveis, formadas por diferentes interpretações, portanto, elas são dinâmicas e se transformam ao longo do tempo, assim como as batalhas de *freestyle* vão se reconstruindo e ganhando diferentes significados.

A oralidade em vários povos está fortemente ligada a ideia de poder. Mas, isso não é um diálogo contemporâneo, essa questão vem há tempos sendo objeto de estudo em diferentes campos de pesquisa como a Antropologia, a Sociologia, entre outras. Para esse projeto não pretendo analisar a gênese da política no conceito mais profundo e histórico, por ser um campo permeado por diferentes casos e especificidades que variam a depender do contexto estudado.

A questão que norteia essa pesquisa, é a análise dos impactos sociais sofridos pelo espaço do Cuca Mondubim, com relação a influência dos discursos enunciados dentro da Batalha da Quadrinha. Ou seja, perceber como a Batalha interfere na dinâmica urbana daquele espaço a partir da sua ocupação.

2 JUSTIFICATIVA

A necessidade de pesquisar esse movimento, decorre de fatores pessoais e profissionais. Considero como o principal, a necessidade de analisar os duelos de *Mc's,* como resultado de uma resistência social, que produz não somente a identidade do sujeito-participante, mas uma identidade coletiva. As batalhas contribuem para o surgimento de uma territorialidade, traçando também um resgate da ancestralidade com a evocação do africanismo na performance, que afeta diretamente a dinâmica urbana de um espaço.

O *Hip Hop* é hoje uma das formas mais claras de politização e resistência dentro das esferas sociais, isso se dá pelo alto teor de criticidade encontrado nas produções artísticas realizadas no movimento. É grande o número de possibilidades que o *Hip Hop* proporciona neste universo. O *rap* é uma das vertentes mais populares e reconhecidas pela população. Em decorrência disto, surgem vários movimentos e grupos espalhados pelo país, que resistem na luta por mudanças socioeconômicas e culturais.

Se tratando de uma manifestação que normalmente se realiza em praças e espaços públicos, a facilidade e a acessibilidade do público em participar das batalhas é enorme. O microfone aberto é uma das ferramentas mais interessantes para aqueles que desejam fazer parte desse movimento. Os laços e as amizades construídas nos ambientes contribuem para a construção de uma identidade coletiva, decorrentes das ambições e sentimentos compartilhados nos espaços.

Os duelos de *Mc's* são formas de utilizar a liberdade de expressão, buscando desconstruir e denunciar às injustiças sociais que acorrem no Brasil. São gritos de resistência de vozes que ecoam historicamente, que vão de encontro ao discurso hegemônico e patriarcal. Nesse sentido, as poesias orais expressas nas rodas culturais contribuem para a construção de uma identidade coletiva, que de acordo com Bernd (2003).

> [...] o sujeito emergente procura reapropriar-se de um espaço existencial. Se as sociedades escravocratas, cujos modelos se conservavam mesmo após as abolições, se caracterizavam pela apropriação não somente do corpo e da força de trabalho dos negros.[...] A poesia que se inspira na tomada de consciência da negritude (termo aqui usado no campo mais amplo do termo) está duplamente vinculada a questão da identidade: ela se origina na consciência de sua perda e se desenvolve na busca de sua reconstrução. O essencial destas literaturas é precisamente sua força de resgatar as formas de onde subsistem as culturas de resistências, matéria-prima da identidade cultural. (BERND, 2003, p.15)

Nesse sentido, o sujeito social passa por mudanças e construções ao longo de sua vida, que em tempos contemporâneos nos fazem constantemente sentir a necessidade de autoafirmação e de reconstruções de nossas identidades. Que de acordo com Stuart Hall (1987) são características de um sujeito pós-moderno – um sujeito formado pelos sistemas culturais que o rodeiam, que tem uma identidade dinâmica moldada a partir das várias culturas que o cercam.

Ademais, recorro a reflexão de Claude Lévi-Strauss (1977) citada por BERND (2003, p.17) ao tratarmos do termo identidade coletiva "[...] é preciso encará-la como um conceito plural", ao que se refere ao pensar em identidades construídas ao longo da história como um mosaico.

As rodas culturais trazem consigo uma musicalidade de mensagem de origem africana. Há transmissão de valores morais e simbólicos, repassados através da oralidade. Na cultura africana, esses princípios são repassados através de narrativas orais, por personagens chamados Griot's[1]. Hoje, vejo a responsabilidade da continuação dessas práticas de ensinamentos, sendo realizada também por pessoas que participam de circuitos culturais. Assim, a cultura do *Hip Hop* não se perde, nem morre. É o que podemos observar na letra da música *Griot*, do rapper Marechal:

> Mensageiro sim Senhor
> Vagabundo se emociona
> **Porque sente o espírito dos ancestrais, Griot!**
> Eu vim pra provar que a cultura não acabou
> (grifo nosso).

A identidade ao qual me refiro diz respeito às formas e conhecimentos comuns compartilhados por sujeitos em seus ambientes. A fala é vista como um manifesto que funciona como uma ferramenta de preservação do patrimônio cultural, mas não somente a isso. É o valor que a comunidade atribui ao local que resguarda o seu valor simbólico e suas singularidades dentro das práticas sociais realizadas no lugar. Esse processo, pode ser visto no espaço Cuca Mondubim. O que ocorre é um fenômeno criativo de urbanização, desencadeado por intervenções feitas pelos moradores da própria comunidade.

Compartilho do pensamento de Michel de Certeau (1990) na obra *A invenção do cotidiano*, ao tratar à noção de espaço na Batalha da Quadrinha, objeto ao qual pretendo estudar. Nesse sentido, o valor dado a um lugar (Material) antes não ocupado muda quando utilizado

[1] LE GOFF 1992 apud FERREIRA p.4. Griots, como são conhecidos, são anciãos responsáveis por transmitir aos mais novos as memórias do povo, da comunidade, por meio da narração de histórias.

para determinada ação. Ocorre no momento uma transformação no ambiente, de lugar ele passa a ser considerado espaço. Nas palavras de Certeau (1990):

> Em suma, *o espaço é um lugar praticado*. Assim a rua geograficamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituídos por um sistema de signos – um escrito. (CERTEAU, 1990, p.202)

Os duelos de *Mc's* funcionam como um mecanismo de acolhimento e orientação dentro das comunidades. Os temas abordados nas rodas de *freestyle* envolvem saúde, economia e política e são pontos de discussão e, consecutivamente, contribuem de forma direta ou indireta para a conscientização dos jovens e adolescentes que participam das batalhas.

Com isso, percebemos a importância do mestre de cerimônia para os eventos e para as comunidades, já que não existe batalha sem público. Com relação ao posto de "MC" em entrevista ao Correio Brasiliense, Thiago Afonso Rocha, conhecido como Mc TR (organizador da Batalha do Museu no Distrito Federal), afirma:

> Ostentar a expressão MC antes do meu nome é uma responsabilidade. As pessoas saem de casa para ouvir o que nós temos a dizer e, estando à frente do movimento, passei a me cobrar mais. Tenho que agir corretamente, pois não posso levantar bandeiras na rima e não me comportar de acordo nas ruas. (MC TR, 2007).

No Brasil, o duelo de *Mc's* é um dos movimentos culturais mais populares entre os jovens e os adolescentes. Esse fenômeno cresce gradativamente ao longo do tempo, devido a fatores como a globalização e o avanço da democratização dos meios de produção. Se antes para visualizar os duelos era necessário ir até o local onde se realizava, hoje, com o avanço das tecnologias da informação ficou muito mais fácil o acesso a estes conteúdos, através de plataformas como o *Youtube*.

Analisar os discursos enunciados pelos seus praticantes e perceber a influência da disseminação de diferentes ideias na vida das comunidades, é necessariamente classificar as falas dos participantes como abordagens políticas, que em sua maioria, buscam transmitir a história e as práticas sociais vivenciadas diariamente por eles, denunciando injustiças e práticas de racionalização vivenciadas pelas comunidades historicamente marginalizadas.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral:

- **Compreender os impactos sociais sofridos pelo espaço do Cuca Mondubim, com relação a influência dos discursos enunciados dentro da Batalha da Quadrinha.**

3.2 Objetivos específicos:

- **Analisar as letras das poesias cantadas na Batalha da Quadrinha;**
- **Conhecer o espaço onde ocorre a Batalha, para analisar o contexto das rimas;**
- **Identificar os processos de construção de rimas dos Mc's que fazem parte do coletivo;**
- **Observar quem são as pessoas que frequentam o local onde a Batalha ocorre.**

4 PROBLEMATIZAÇÃO

Este projeto de pesquisa tem a pretensão de analisar a roda cultural da Quadrinha como um movimento literário urbano. Compreendendo os discursos políticos presentes no espaço, e refletindo o ser performático e simbólico que contribui para a disseminação da cultura de tradição oral. Apreender o espaço cotidianamente vivenciados pelos jovens que formulam e gerenciam a batalha, nos permitirá entender como as diversas formas de expressão, discursos e práticas político-culturais que contribuem para o crescimento da comunidade e ao combate a práticas de racialização.

Em conversa com Matheus Mendes de Paiva, fundador da Batalha da Quadrinha, ele relatou que em 2015, no dia 11 de dezembro, fora feita uma batalha aleatória e sem nome, realizada na pracinha da Vila Manuel Sátiro. Nessa edição, apenas cinco *Mc's* participaram. Com a boa repercussão, no dia 29 do mesmo mês, os membros tiveram a ideia de fazê-la toda semana.

Ele contou ainda que "Batalha da Quadrinha" foi o nome criado, mesmo com eles precisando mudar de lugar. Eles se organizaram na pracinha da Vila Manuel Sátiro por 4 ou 5 meses, até que ocorreu uma espécie de atentado contra os participantes do movimento. Dois caras em uma moto, efetuaram disparos com arma de fogo contra eles, durante uma das batalhas. Com medo, eles acabaram ficando parados durante um tempo, mas não tinham outro local para realizar as ações, tiveram que voltar para a mesma praça.

Após isso, Matheus contou que eles receberam uma proposta de um amigo que trabalhava no Cuca Mondubim, um espaço aberto de propriedade da prefeitura de Fortaleza, para realizar a Batalha da Quadrinha no local. Na praça da Vila Manuel Sátiro, as batalhas eram realizadas as sextas-feiras, mas o espaço do Cuca Mondubim só era disponível para eles as terças-feiras, por isso, eles precisaram se adequar à nova dinâmica.

Nesse sentido, os participantes da Batalha na Quadrinha ficaram no Cuca durante quase dois anos. Matheus contou que eles foram o grupo de maior exposição, sendo essencial para a formação de outras batalhas nas cidades vizinhas. Porém, fatores pessoais fizeram com que o movimento saísse do espaço do Cuca e entrasse em um período de "pausa" durante o mês de outubro de 2018, até encontrarem um novo local para ocuparem. Tendo ocorrido apenas uma edição especial realizada no dia 20 de outubro de 2018 na estação da Vila Pery para pré-seletiva do "Duelo de *Mc's* Nacional", de acordo com Matheus.

Sabe-se que o *rap* é fruto das ruas, e se assim se apresentou, hoje, faz voltar esse espírito de transmissão de valores empíricos nos duelos. Em um ato de reciprocidade entre o *Mc* e a

plateia ocorrem as rimas de *Freestyle* – as rimas de improviso. Assim, a voz do mestre de cerimônia, segundo Salgado (2015) contribui para a construção de uma resistência cultural:

> Ao trazer à boca da cena simultaneamente a voz de uma específica subjetividade afro-americana – a voz individual de cada *rapper*, com seu lastro particular de experiências vividas, a partir das quais são elaborados seus textos – e a visão de mundo coletiva de uma determinada comunidade – o *rapper* como voz coletiva –, o *rap* se consolida como uma forma de agenciamento comunitário e de resistência cultural. (SALGADO, 2015, p. 153)

No campo discursivo, assim como o *rap* as poesias feitas nas ruas em sua maioria tematizam problemas enfrentados nas grandes metrópoles brasileiras. Convém então tratar a importância que as rodas culturais desempenham dentro do campo sócio cultural e artístico.

A cultura das batalhas de *freestyle* surgiu quase que igualmente ao nascimento do *rap*, através das *Diss track*[2] e das rinhas de *Mc's*. Após as batalhas sofrerem expansão e ganharem maior visibilidade, vários membros das comunidades passaram a vê-la como uma oportunidade para mudar de vida. Os jovens que sofriam da carência de um espaço para a prática de atividades encontraram no duelo de *Mc's* uma forma de mudar a sua própria realidade.

A pioneira das batalhas de *freestyle* no Brasil foi a Batalha do Real, no Rio de Janeiro, com início em 2003. De lá para cá muitas outras batalhas foram criadas contribuindo ainda mais para a popularização do movimento. Muitos *Mc's* reconhecidos atualmente e popularizados através dos grandes meios de comunicação tiveram as batalhas como ponto inicial de suas carreias. Um exemplo é o rapper Emicida que iniciou sua trajetória na Batalha do Santa Cruz, no Estado de São Paulo. Em depoimento dado a revista Noisey um dos organizadores da Batalha da Estação relata:

> De verdade, o Emicida foi o cara que mais conseguiu subir por causa de batalha e freestyle", disse o produtor cultural de 42 anos Paulo Malik, um dos organizadores da Batalha da estação, em Francisco Morato. "A cultura freestyle nunca tinha sido o centro no circuito do rap. O Emicida que levou luz a isso e fez a molecada se empolgar com as batalhas"

No ano de 2012, se inicia o Duelo de *Mc's* Nacional, um evento realizado em Belo Horizonte, Minas Gerais, no Viaduto de Santa Tereza. O evento reúne os melhores *Mc's* de cada estado para uma disputa, em que o vencedor ganha um prêmio em dinheiro no valor de R$ 5.000, além da gravação de um disco de vinil em formato digital ou de um CD. Nesse cenário,

[2] Conhecidas nos Estados Unidos como um estilo de faixa em que um grupo ou um *Mc* usa para atacar verbalmente outro indivíduo de maneira direta.

é localizado, no espaço do Cuca Mondubim, Fortaleza, a Batalha da Quadrinha, pretensão de estudo deste projeto.

A Batalha da Quadrinha é um evento tradicional de duelo de *Mc's* que acontece a dois anos, o movimento ocorre semanalmente todas as terças a partir das dezoito horas e trinta minutos e é referente a uma ocupação feita na quadra da comunidade, ao qual, se realiza o duelo.

Segundo Shusterman (2006, p. 67, apud SANTOS, 2008, p. 2), em sua análise sobre o *Hip Hop*, se convencionou fazer uma distinção entre a arte e a política, como sendo duas esferas distintas. A verdade, o conhecimento e a realidade ficariam restritas ao discurso cientifico e filosófico, enquanto que a arte se enquadraria apenas ao espaço da estética, ao visual. Porém, o *Hip Hop* rompe com essa dicotomia, enfrentando esse binarismo como um de seus maiores desafios.

Lançada em outubro de 2017 a faixa *Rap News*, do *Mc* Sid relata injustiças e problemas constantes sofridos nas comunidades, que por muitas vezes não ganham a importância devida. A faixa pode ser compreendida como uma crítica aos grandes centros comunicativos, que acabam dando maior ênfase a episódios internacionais, do que aos problemas enfrentados pelos cidadãos do próprio país. Na letra, se justifica a ideia de que a arte e a política podem coexistir e se relacionar dentro do cenário musical:

> Eu vejo um morador de classe média assustado
> Vendo na TV tiroteios na sua cidade
> Enquanto um menor de idade favelado
> Vive o que nós vê na TV, só que em sua realidade
> Enquanto a CBN foca nos ataques da Síria
> Só porque dobra a sua publicidade
> A própria CBN esconde o fato de que o brasileiro
> Vive a Síria todo o dia dentro da comunidade
> (Mc Sid, 2017).

Além de ser um importante patrimônio imaterial, o *rap* é um grande símbolo da resistência do povo negro no brasil. Discutimos os processos, as disputas, os meios e a luta que vários movimentos socias desempenham na busca por igualdade e justiça. Sendo assim, a música se torna um importante instrumento para a reinvindicação dessas pautas. Diversos artistas (compositores) de rua, retrataram com grande maestria os processos de opressão e lutas enfrentadas por esses coletivos.

Este projeto é formulado afim de apreender valores dados as manifestações citadas acima, como uma forma de ajudar no desenvolvimento social e comercial dos jovens da Batalha da Quadrinha, já que com o desenvolvimento da pesquisa acredito que será possível compreender as reais problemáticas envolvidas dentro desse grupo social.

5 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para tais estudos sobre a poesia e a manifestação das vozes do corpo dentro dos duelos, considero os estudos de *poesia oral, performance, recepção e leitura* de Paul Zumthor, importante crítico literário, medievalista e historiador da literatura. Na concepção de Zumthor (2000, p.12) "a poesia é a arte da linguagem humana, independente de seus modos de concretização e fundamentada nas estruturas antropológicas mais profundas".

Zumthor (2000) aponta essa reflexão em resposta a um questionamento dos medievalistas dos anos 60 e 70, que como ele fala em seu texto, constantemente levantavam a seguinte questão: "Em que medida a poesia medieval tinha sido objeto das tradições orais?". Mas, segundo ele não se podia alcançar o essencial da questão, era necessário desconsiderar os condicionadores culturais e focar na natureza humana e nos próprios efeitos da voz humana.

A poesia é assim então aplicada a noção de *literariedade*, como citado pelo autor, ao reconhecer o produto poético oral, mesmo sem o recurso escrito, como literatura. Em suas palavras, Zumthor (2010, p.39 apud GONÇALVES, 2015, p.), explica:

> A noção de literariedade se aplica à poesia oral? O termo é indiferente: eu defendo a ideia de que existe um discurso marcado, socialmente reconhecível como tal, de modo imediato. A despeito de uma certa tendência atual, descarto o critério de qualidade, devido à sua grande imprecisão. É poesia, é Literatura, o que é público – leitores ou ouvintes – recebe como tal, percebendo uma intenção não exclusivamente pragmática: o poema, com efeito (ou de forma geral, o texto literário), é sentido como a maior manifestação particular, em um dado tempo e em dado lugar, de um amplo discurso constituindo globalmente um tropo dos discursos usuais proferidos no meio do grupo social (Zumthor, 2010, p. 39).

Essa noção de *literariedade* em Zumthor (2010) desloca a ideia de qualidade dentro dos estudos sobre a poesia – enfatizando que aquilo que é considerado poesia ou literatura, é algo público sujeito a divergências de opinião. A partir disso, podemos pensar as batalhas de *freestyle* não em um sentido de qualidade das rimas, mas sim das mensagens transmitidas por elas.

Já na concepção de Câmara Cascudo (2012) em sua obra *Literatura oral no Brasil*, essas literaturas a princípio foram limitadas aos provérbios, adivinhações, contos, frases-feitas, orações, cantos, porém, com o tempo ampliou-se alcançando novos horizontes, em que a principal característica é a persistência pela oralidade, a fé pelo ouvir. (CASCUDO, 2012). Para o autor existem duas fontes que mantêm a oralidade viva:

> Uma exclusivamente oral, resume-se na estória, no canto popular e tradicional, nas danças de roda, danças cantadas, danças de divertimento coletivo, ronda e jogos infantis, cantigas de embalar (acalantos), nas estrofes das velhas xácaras e romances portugueses com solfas, nas músicas anônimas, nos aboios, anedotas, adivinhações, lendas, etc. A outra fonte é reimpressão dos antigos livrinhos, vindos de Espanha ou de Portugal e que são convergências de motivos literários dos séculos XIII, XIV, XV, XVI [...], além da produção contemporânea pelos antigos processos de versificação popularizada, fixando assuntos da época, guerras, política, sátira, estórias de animais, fábulas, ciclo do gado, caça, amores, incluindo a poetização de trechos de romances famosos tornados conhecidos, *Escrava Isaura*, *Romeu e Julieta*, ou mesmo criações no gênero sentimental, com o aproveitamento de cenas ou períodos de outros folhetos esquecidos em seu conjunto. (CASCUDO, 2012, p. 13)

Assim, o duelo de *Mc's* funciona como uma forma de preservação dos valores do saber popular através da oralidade. O ato de cantar a história ao qual estes participantes estão inseridos funciona como um retrato social daquilo que eles enxergam dentro de sua realidade. Seus medos, conflitos, motivações e objetivos.

Outro aspecto importante para esse projeto, são as percepções que envolvem o conceito de performance. De acordo com MOSTAÇO (2012) ele traz consigo um grande número de possibilidades e assim podem ganhar uma série de atribuições embutidas. O autor diz que o mesmo é tanto um processo como um produto – em que ao passo que se produz, o resultado da produção e as memórias e recordações deste ato são o momento de performance.

As várias formas ao qual o termo performance pode ser analisado é determinado pela área do conhecimento que venha a ser explorado. Zumthor (2000, p.50) expressa que para o poeta, esse momento de performance se dá através da recepção, que para o autor é um momento privilegiado onde um enunciado é recebido pelo ouvinte. Uma relação em que um discurso chega aos ouvidos do espectador.

Assim se desenvolve o pensar das performances dentro dos duelos de *Mc's*, como um momento de trocas entre os mestres de cerimônia e os ouvintes. O que realmente vem a desenvolver uma a performance ou leitura é tão somente o momento em que o ouvinte ou leitor encontra determinada obra, criando suas próprias interpretações, Zumthor (2000, p.51)

Levando em consideração as análises dos autores citados acima, percebemos que o espaço de uma batalha é sujeito a diferentes interpretações. Cabe, então, analisar-se o contexto e o modo como a narrativa se desenvolve no ambiente das batalhas, o que venho a relembrar é que cada estado desenvolveu sua própria forma de se apresentar e organizar-se, portanto, as narrativas mudam por serem subjetivas ao indivíduo, segundo Pesavento (2007):

> Uma cidade é objeto de muitos discursos, a revelar tais modalidades sensíveis de leitura do urbano ou saberes específicos, perpassados pelo lustro da ciência.

> Falam da cidade, para além da literatura e da história, os discursos médicos, políticos, urbanísticos, policiais e jurídicos, todos carregados de conceitos e princípios de uma cientificidade acentuada, dando a ver o urbano sob um aspecto técnico. Mas tampouco esses discursos deixam de empregar metáforas para qualificar a cidade, partilhando assim, eles também, essa possibilidade de qualificar o mundo e de senti-lo, desta ou daquela forma. (PESAVENTO, 2007, p.19)

Sendo assim os discursos podem ocorrer por diferentes mecanismos e formas, sejam a partir de narrativas oficiais como dissertações, relatórios, artigos acadêmicos ou através da literatura oral, desenvolvida nos espaços urbanos. Podendo ocorrer por meio de discursos informais, mas que complementam as diversas narrativas do fenômeno urbano, os "saberes populares", que são outros modos que podemos utilizar para observar o espaço urbano a partir da forma como ele é vivenciado (PESAVENTO, 2007).

Um apanhado sobre os conhecimentos adquiridos através do uso e da prática social destes espaços urbanos é de essencial importância, já que para entender a dinâmica desse ambiente é primordial a compreensão do olhar daqueles que vivenciam o mesmo.

6 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICO

A escravização não se limita no negro, também tá no mano que é branco, mas vive no gueto.

Mc Vick

Ao analisarmos processos criativos, sociais e manifestações de diferentes origens em um meio urbano é necessário que tenhamos um olhar diferenciado sobre os espaços que estamos a vivenciar. Um "olhar etnográfico", mas não mais um olhar ingênuo sobre o determinado fenômeno, espaço ou manifestação e sim, um olhar devidamente sensibilizado pela teoria disponível (OLIVEIRA, 1994).

Em prática, para a resolução da problemática levantada neste projeto, o uso de um caderno de anotações é indispensável no processo de fazer pesquisa, assim como futuramente registros fotográficos e audiovisuais, por serem ferramentas que servirão de guia das atividades e momentos das visitas aos meus interlocutores, realizando uma observação pontual sobre as edições da Batalha da Quadrinha, tendo um maior contato e uma melhor compreensão do objeto de pesquisa.

Conforme o desenvolvimento do trabalho, será necessário a escolha de atores sociais que façam parte do movimento para a participação na pesquisa, pois, com suas participações, poderemos compreender melhor como as atividades desempenhadas pelos mesmos assumem determinados papeis na comunidade e como esse manifesto cultural se propaga naquele ambiente.

Visitando as edições semanais da Batalha da Quadrinha, será possível fazer uma melhor descrição sobre as especificidades encontradas no espaço Cuca Mondubim, analisando as experiências e o contexto ao qual as rimas são produzidas em uma relação de diálogo com meus interlocutores. Assim, escolheremos para a realização desta pesquisa, de três a cinco poetas que participem do movimento em questão para essa abordagem.

Exercitando essa metodologia podemos compreender como os praticantes se percebem na cidade e como suas ações tem interferência na dinâmica urbana daquele espaço – uma resposta que apenas os usuários podem nos trazer. Mais uma vez levarei em consideração os estudos de Roberto Cardoso de Oliveira como base para a construção da etnografia.

Como visto na epígrafe no início da sessão, o verso proposto pelo *Mc* Vick no duelo contra o Mc Jafari, na Batalha do Santa Cruz[3] representa a realidade observada pelo mesmo, um quadro que se repete entre os outros participantes. São suas crenças, suas percepções sobre a dinâmica do espaço urbano, que contribuirão para a compreensão que queremos extrair da Batalha da Quadrinha.

Assim, é importante pensarmos essa realidade por meio de uma observação plural que compreenda os diferentes marcadores sociais e que nos traga uma melhor representação da realidade vivenciada pelos participantes dos encontros desta batalha.

[3] Batalha retirada do canal da Batalha do Santa Cruz, publicada em 13 de setembro do ano de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=347BGhVkD0I>.

7 MÉTODOS

O presente projeto de pesquisa terá como método a pesquisa situada, pois, é a que melhor atende as necessidades apresentadas. Por se tratar de um movimento cultural é de extrema importância uma abordagem próxima aos meus interlocutores e ao meu campo, mantendo o foco nas práticas sociais e nos discursos feitos pelos *Mc's* da Batalha da Quadrinha, para melhor entender o cotidiano vivenciado pelos mesmos e assim analisar de forma correta os discursos enunciados dentro da comunidade.

Antes de realizar a abordagem propriamente dita é necessário um levantamento de dados do acervo bibliográfico produzido atualmente, analisando documentos, enquetes, artigos, dissertações, teorias, conceitos, etc.

A etnografia será uma ferramenta importante para a conclusão deste trabalho, ao passo que será necessário a realização de visitas e participações dentro do ambiente onde a batalha ocorre. Esse deslocamento, esse "ir ao campo" que farei, diz respeito ao pensar de uma observação mais complexa e profunda a respeito das situações vivenciadas pelos moradores da comunidade. É através da observação participante que poderei levantar e formular dados para as minhas análises e opiniões acerca da problemática desta pesquisa. De todo modo, destaco que segundo GEERTZ (1978, p.15, apud POLIVANOC, 2013, p.62):

> Praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma "descrição densa", tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle. (GEERTZ, 1978, p. 15)

Analisar criticamente as redes sociais dentro do ciberespaço será igualmente necessário, já que não é de minha pretensão delimitar minha pesquisa apenas ao campo físico material, pois considero também importante a etnografia voltada "as comunidades virtuais", descrevendo-o como sendo um segundo espaço de convivência do grupo estudado.

Nesse sentido, a "etnografia pode (...) ser usada para desenvolver um sentido rico dos significados da tecnologia e das culturas que a possibilitam e são possibilitadas por ela", como coloca HINE (2000, p.8 apud POLIVANOC, 2013, p.66).

As técnicas utilizadas serão a observação participante como já mencionada acima, o uso de um diário de campo, fotografias, áudios e vídeos feitos durante as visitas. Além disso, entrevistas com os participantes da roda cultural da quadrinha, através de questionários

semiestruturados. Considero importante apreender como os *Mc's* da Batalha da Quadrinha observam sua participação e se realmente se entendem como influenciadores de opinião, como analisam suas falas, empregadas no contexto social da batalha.

O texto *O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir e escrever* retirado do livro *O trabalho do antropólogo*, de Roberto Cardoso de Oliveira é de grande ajuda para a reflexão do papel de um cientista-social. No texto, Oliveira (2006), apresenta três pontos no processo de se fazer a pesquisa.

O ato do *Olhar* – de construir uma ligação visual com seus agentes e estar atento aos mínimos detalhes. O *Ouvir* – estar atento aos sons e entender que até mesmo no silêncio há algo a ser observado. Por fim, o *Escrever* – que para o autor configura-se como a etapa final do processo antropológico, é o momento em que o antropólogo faz sua interpretação e tradução do campo estudado, analisando criticamente.

8 CRONOGRAMA

ETAPAS	Jan 2017	Fev 2017	Mar 2017	Abri 2017	Mai 2018	Jun 2018	Jul 2018	Ago 2018	Set 2018	Out 2018
Escolha do tema	X									
Levantamento bibliográfico	X	X	X	X	X					
Elaboração da questão		X								
Apresentação do projeto					X					
Organização do roteiro/partes							X			
Redação do trabalho							X	X	X	
Revisão e redação final									X	
Entrega do P. Pesquisa									X	
Defesa do P. Pesquisa										X

REFERÊNCIAS

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 1.ed. São Paulo: Global, 2012.

CERTEAU, Michel de. Relatos de espaço. In: _____. A invenção do cotidiano. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis, Rj: **Vozes**, 1998.

ROSÁRIO, André Telles do. Corpoeticidades dos saraus de poesia: O movimento eu, poeta errante, de França de Olinda. **Revista Z**, Rio de Janeiro, n. 2. On-line. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/corpoeticidades-dos-saraus-de-poesia-o-movimento eu-poeta-errante-de-franca-de-olinda/>. Acesso em: 26 mar. 2018.

FERREIRA, A. C. 'Recordar é preciso': Considerações sobre a figura do griot e a importância das suas narrativas na formação da memória coletiva afro-brasileira. **Em Tese**, Belo Horizonte [Online], v. 18, p. 1-15, 2012.

GOLÇALVES, Rôssi Alves. Rimas das ruas. **Revista Z**, Rio de Janeiro, n. 2. On-line. Disponível em: < http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/rimas-das-ruas/>. Acesso em: 26 de mar. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. On-line. Disponível em: < https://comunicacaoeesporte.files.wordpress.com/2010/10/hall-stuart-a-identidade-cultural-na-pos-modernidade.pdf>. Acesso em: 24 de mar. 2018.

HERSCHMANN, MicaeI (Org.). **Abalando os anos 90:** funk e hip-hop, globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MOSTAÇO, Edelcio. Conceitos operativos nos estudos da performance. **Sala Aberta** (São Paulo. Online), vol. 12, n. 2, dez 2012, p. 143-153. Disponível em: < http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57494 >

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 3. ed. São Paulo: Paralelo 15, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Rev. **Bras. Hist**. São Paulo, v.27, n.53, p. 11-23, jun.2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a02v5327.pdf>. Acesso em 07 de set. 2018.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **ESFERAS - Revista Interprogramas de Pós-graduação em Comunicação do Centro Oeste**, v. 2, p. 61-71, 2013.

SALGADO, Marcus Rogério. **Entre ritmo e poesia:** rap e literatura oral e urbana. Belo Horizonte: Scripta, 2015.

SANTOS, Rosenverck Estrela. A história do Hip Hop em São Luís do Maranhão: Periferização da cidade e resistência político-cultural da juventude negra nos anos 1990. **Outros Tempos**, v. 5, p. 1-14, 2008.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.